

## AFROCENTRICIDADE

Luciana Paula da Silva de Oliveira<sup>1</sup>

A abordagem afrocêntrica é o olhar analítico a partir da África, dos africanos e dos negros da diáspora<sup>2</sup>, buscando o protagonismo. Um exemplo que pode ser dado é a narrativa convencional que se tem sobre a revolução haitiana<sup>3</sup>, relacionada à selvageria e ao despotismo. Reforçando assim, o posicionamento racista de que o negro não seria capaz de se autogovernar de maneira satisfatória.

O afrocentrismo irá buscar a história contada pelos próprios haitianos, procurando demonstrar como as coisas realmente se deram. E isto é possível, pois, mesmo nas piores condições provocadas pela escravidão, são muitos os textos escritos por negros neste período, em todas as Américas. Autores desconhecidos para a maioria da população, inclusive pela elite intelectualizada, porque foram silenciados, escondidos ou embranquecidos.

Muitos dos intelectuais negros da diáspora surgidos nas Américas foram autodidatas e tiveram um grande papel de liderança na constituição de movimentos negros. Esses autores negros no início do século XX viram-se obrigados a enfrentar o liberalismo e o marxismo, ambos opondo-se a questão racial como importante chave para explicar a sociedade.

Por isso, muitos deles perceberam que era necessário criar modelos de pensamentos próprios, que pudessem dar conta das especificidades da realidade negra do mundo. Ainda que a maioria se aproximasse mais do marxismo do que do liberalismo, Carlos Moore<sup>4</sup> já denunciava que a Revolução Cubana, apoiada por ele, reproduziu o racismo, não sendo, por isto, de todo, satisfatório.

---

<sup>1</sup> Bacharel e licenciada em Ciências Sociais/UFPR, especialista em Literatura Brasileira e História Nacional/UTFPR, professora PDE/SEED/UFPR

<sup>2</sup> “refere-se basicamente à dispersão, tanto voluntária, quanto involuntária, dos povos de ascendência africana do continente africano, especialmente a partir do século XV” (CHRISTIAN, 147:2009)

<sup>3</sup> A Revolução Haitiana de 1791 liderada por negros escravizados conseguiu a independência da França e a abolição da escravatura.

<sup>4</sup> Ativista e intelectual ligado às causas da negritude, crítico dos posicionamentos racistas da Revolução Cubana, autor de inúmeras obras referenciais sobre o assunto.

Buscando esta nova forma de entender o negro no mundo, muitos autores como Cheikh Diop<sup>5</sup> e Benjamin Isaac recorreram à história antiga e descobriram que quase tudo que a sociedade ocidental considera como base da civilização que teria surgido na Grécia Antiga, foi na verdade, um legado roubado do Egito. Demonstrando que os gregos haviam estudado no Egito sobre quase tudo que escreveram, acabaram recolocando a África em seu verdadeiro lugar na história.

Para desqualificar a obra de Diop e Isaac passaram a divulgar a ideia de que os egípcios não eram realmente africanos por terem sido invadidos por um povo caucasóide originário da Ásia. Entretanto, Diop prova com testemunhos escritos de gregos que estudaram no Egito, que a pele desse povo era negra e seus cabelos crespos, além disso, enviou pedaços de peles de múmias à diversos laboratórios, onde ficou comprovado alta quantidade de melanina.

O afrocentrismo assim, busca a história comum de africanos e negros da diáspora, de luta e de resistência à dominação e de todas as maneiras de opressão humanas. O patriarcalismo, por exemplo, é amplamente questionado, tendo em vista que Diop defende a tese de que a África tradicional era toda matriarcal e matrilinear. Todos os direitos políticos eram transmitidos pela mãe.

**AS MULHERES AFRICANAS  
TINHAM PAPEL DE  
PROTAGONISMO NA  
ESTRUTURA SOCIAL E  
POLÍTICA ANTES DA  
CHEGADA DOS EUROPEUS.**

As mulheres africanas tinham papel de protagonismo na estrutura social e política antes da chegada dos europeus. E seria por isto, que princípios como comunidade, espiritualidade, harmonia com a natureza e o respeito à ancestralidade faziam parte da cultura africana. Este tipo de organização social e política existiram concomitantemente ao patriarcalismo europeu, não podendo ser concebido como um evento evolutivo anterior.

---

<sup>5</sup> Senegalês formado em Física, Filosofia, Química, Linguística, Economia, Sociologia, História, Egptologia e Antropologia provou que o Egito era mais antigo que a civilização grega.

Não é à toa que o escravismo tenha atacado tão profundamente a mulher negra, era necessário subalternizar e humilhar aquela que era peça chave das instituições africanas. As noções cristãs de culpa e pecado tão associado às mulheres europeias precisavam ser impostas às africanas que eram tradicionalmente livres e protagonistas. A erotização e a desumanização da mulher negra passam a ser repetidamente reproduzidas não só para dominá-la enquanto pessoa, mas para dominar toda a cultura africana corporificada nela.

“Todo arcabouço civilizatório trazido pela mulher africana estava enraizado em suas estruturas cognitivas, orientando sua percepção do mundo. Essas mulheres cultivavam um entendimento próprio, e bem diferente, do que eram as relações entre homens e mulheres. Somava-se a esse entendimento a concepção que elas traziam de si mesmas como protagonistas não apenas de sua própria vida, mas também de uma sociedade inteira” (BONFIM, 239:2009)

Perceber que o papel da mulher africana era diferente daquele vivido pela mulher europeia é colocar o afrocentrismo em prática, tento em vista que recuperar e relembrar esta consciência africana são objetivos do movimento afrocêntrico. Isto é muito relevante, porque muitos africanos e os negros da diáspora internalizaram os pensamentos e práticas antiafricanistas como o patriarcalismo, o individualismo, o materialismo, o imediatismo e posturas predatórias com a natureza e seus recursos.

Obviamente, de modo algum isto significa racializar a sociedade, a diáspora e o holocausto que matou 65% da população africana em 400 anos já fizeram isto. Promover a solidariedade entre povos negros que possuem experiências comuns de opressão não estimula o racismo e seus efeitos concretos sentidos até os dias de hoje.

Estimula sim o reconhecimento do fator raça como explicação estruturante da desigualdade social e isto provoca, necessariamente, a quebra da hegemonia da argumentação branca. Entretanto, o afrocentrismo não

**O AFROCENTRISMO NÃO  
PRETENDE ASSUMIR UMA  
POSIÇÃO DE HEGEMONIA,  
QUER APENAS MAIOR  
EQUILÍBRIO NA  
LEGITIMIDADE DAS  
EXPLICAÇÕES SOBRE O  
MUNDO.**

pretende assumir uma posição de hegemonia em seu lugar, quer apenas maior equilíbrio na legitimidade das explicações sobre o mundo.

## **BIBLIOGRAFIA**

NASCIMENTO, E. Abordagem afrocentrada, história e evolução. In: NASCIMENTO, E. (org). **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora**. São Paulo: Selo Negro, 2009.

FINCH, C. Cheikh Anta Diop confirmado. In: NASCIMENTO, E. (org). **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora**. São Paulo: Selo Negro, 2009.

ASANTE, M. Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. In: NASCIMENTO, E. (org). **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora**. São Paulo: Selo Negro, 2009.

MAZAMA, A. A afrocentricidade como um novo paradigma. In: NASCIMENTO, E. (org). **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora**. São Paulo: Selo Negro, 2009.

RABAKA, R. Teoria Crítica africana. In: NASCIMENTO, E. (org). **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora**. São Paulo: Selo Negro, 2009.

CHRISTIAN, M. Conexões da diáspora africana: uma resposta aos críticos da afrocentricidade. In: NASCIMENTO, E. (org). **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora**. São Paulo: Selo Negro, 2009.

BONFIM, V. A identidade contraditória da mulher negra brasileira: bases históricas. In: NASCIMENTO, E. (org). **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora**. São Paulo: Selo Negro, 2009.